

CAMILO PESSANHA:

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES EM CONTRIBUTO À SUA BIOGRAFIA

PAULO FRANCHETTI

UNICAMP

Durante o tempo que viveu em Portugal, Camilo Pessanha manteve-se praticamente desconhecido dos contemporâneos. Quando em Coimbra, não integrou ativamente nenhum dos grupos que disputavam o estabelecimento dos rumos da literatura no final de século. Até a data de sua partida para Macau, em 1894, embora tivesse publicado vários poemas avulsos, pouco parece ter participado da vida literária, ao menos naquelas instâncias que ficaram documentadas e integradas à história do período.

Após vários anos de ausência, porém, durante os quais mandou apenas esporádicos versos para jornais e uns tantos manuscritos para amigos, Pessanha vai tornar-se uma referência na produção poética portuguesa e uma presença bastante forte no imaginário dos poetas que se ajuntaram em torno da revista *Orpheu*. No ambiente ainda esfumaçado de *décadence*, o vulto de Pessanha era confuso e sedutor: exilado voluntário no mais distante Oriente, talvez em razão de obscuras desgraças pessoais ou familiares, gênio sem obra publicada, mas extremamente refinado, difícil, que compunha apenas para si mesmo ou para poucos eleitos. Ora os contemporâneos o descreviam como jurista brilhante, professor excepcional e orador imbatível; ora como um letárgico, um abúlico, incapaz de resistir à concupiscência oriental, tragado pelo vício do ópio, por demais achinesado para poder manter-se dignamente como funcionário colonial ou professor. Durante o tempo de sua vida, uma caracterização parecia, pelo menos, indubitável: Pessanha era bom conhecedor da língua chinesa e respeitado colecionador de arte sínica.

Depois da morte do poeta, como herança das inimizades muitas que deixou na colônia, sua imagem simplificou-se: nada saberia, de verdade, sobre a língua e a cultura chinesa, nem teria sido grande orador, ou magistrado, ou professor de méritos inequívocos. Por fim, para alguns, nem bom poeta, porque incorreto formalmente e desleixado demais no acabamento dos textos, que seriam praticamente apenas registro bruto de emoções. Em compensação, aumentou consideravelmente o número de histórias folclóricas, que demonstrariam seu achinesamento e geral perda de dignidade.

Por ter vivido praticamente isolado das pessoas que realmente estimava e com quem poderia compartilhar sua intimidade, por ter-se perdido ou estar ainda inédita a grande maioria das cartas que escreveu ao longo da vida, e por serem poucos os

depoimentos consistentes sobre a sua biografia, a figura de que dele dispomos hoje compõe-se de uma mistura muito intrincada de fatos verificáveis com efabulações de vária espécie, às vezes de falsidade muito evidente.¹ Algumas dessas efabulações têm importância apenas para o melhor conhecimento do ambiente literário que as produziu.² Mas outras acabaram por influir não só na recepção da obra do poeta, como também na própria história impressa dos seus versos e na construção da sua biografia.

Por falta de verificação cuidadosa das fontes e de sistematização dos conhecimentos divulgados dispersamente ao longo do tempo, têm-se repetido a propósito de Pessanha vários clichês. Embora incongruentes com informações fidedignas que estavam apenas dispersas, mas disponíveis, alguns desses clichês tiveram, ao longo do tempo, repetidas atualizações. Dois deles, os mais importantes, serão aqui analisados. Em primeiro lugar, a crença de que Pessanha fosse um poeta sem escrita, cuja obra toda foi salva, milagrosamente, pelo entusiasmo de um rapaz de 16 anos que a coligiu a partir das palavras do poeta. Em seguida, sua representação como um inconseqüente destrambelhado, desorganizado em qualquer assunto objetivo e refratário à vida quotidiana e social. O primeiro clichê parece finalmente gasto e acabado, e apenas como história merece atenção e inventário, mas o segundo teima em manter ainda um certo viço e algum poder ofensivo à compreensão equilibrada da poesia e da figura pública de Camilo Pessanha.

Neste texto, trataremos de descrever a história da formação dessas duas imagens, tentando situar sistematizadamente, à luz dos documentos que a pesquisa veio revelando, o que julgamos ser a mais plausível realidade dos fatos.

¹ Perderam-se, ao que parece, todas as cartas que escreveu a Wenceslau de Moraes, boa parte das que escreveu ao pai e aos membros de sua família. Estão ainda inéditas, por critério de quem hoje as possui e pretende destruí-las para que não venham a ser publicadas, quase todas as cartas que dirigiu a Carlos Amaro, e que são, como é fácil imaginar, de valor inestimável.

² Um bom exemplo desse tipo é a história insustentável que é nos contada no texto "Um opiómano... por espírito de contradição", incorporado ao livro de Reinaldo Ferreira, *Memórias de um ex-morfinômano* (reproduzido in: Daniel Pires (org.) *Homenagem a Camilo Pessanha*. Macau, Instituto Português do Oriente/Instituto Cultural de Macau, 1990, pp.65-70). Apresenta o autor um Pessanha que aderiu ao ópio em Paris, depois de ter estado no Oriente, durante três anos, a dissipar "uma pequena herança" que lhe caíra do céu. E o fez por espírito de contradição, como diz o título, pelo gosto do perigo da contravenção. A história toda lhe teria sido contada pelo próprio Pessanha, no Chiado, quando da última estada do poeta em Portugal, por uns meses, em 1924 ou 25 -- quando pela segunda e última vez teria voltado à terra natal. Tudo aqui parece fantástico, a começar pelas informações mais factuais, que são falsas, porque depois de mudar-se para o Oriente Pessanha retornou à metrópole quatro vezes, sendo sua última estada em 1915-16 -- em 1924/5, Pessanha estava, pois, em Macau. Também nunca se soube de qualquer herança recebida por Pessanha, e quando ele foi pela primeira vez ao Oriente, foi em busca de melhor oportunidade de trabalho e de melhores vencimentos, pois sua situação em Portugal era aflitiva. Pessanha voltou, de fato, a Portugal dois anos depois, mas vinha muito doente e não há qualquer registro de que tenha, nessa época, passado por Paris. Na bibliografia disponível, na verdade, não há qualquer indicação de que Pessanha jamais conhecesse Paris. De qualquer forma, é impossível (face às datas de partida e chegada) que o poeta se tenha demorado em qualquer época mais de um mês naquela cidade, como quer o articulista.

I. Um poeta sem escrita.

No dia 21 de abril de 1921, o **Diário de Lisboa** trazia uma entrevista com a escritora Ana de Castro Osório, proprietária das Edições Lusitânia. Há pouco tempo, essa casa tinha lançado o único livro de versos de Camilo Pessanha, a **Clepsydra**.³ Sob a chamada "Um poeta estranho -- A idiosincrasia de Camilo Pessanha", eis o que perguntava a entrevistadora e o que declarava a editora:

-- Foi V. Ex^a que o forçou a publicar, não é verdade?
-- Sim, fui eu. De há muito conheço Camilo Pessanha. É um verdadeiro poeta e um verdadeiro sonhador. Mas é também um tímido e um misantropo. Camilo Pessanha nunca escreveu um só dos seus versos. Compõe-nos nas suas horas de inspiração, e guarda-os na memória. Só consente em dizê-los às pessoas de mais intimidade. Há tempos, tendo eu ouvido alguém recitar versos seus, deturpando-os e truncando-os sem piedade, pensei que era absolutamente necessário reunir num volume algumas das suas melhores poesias. Então, sem dizer ao poeta os meus planos, pedi-lhe que fosse ditando versos seus, pois queria guardá-los num caderno. Camilo Pessanha ditou-me algumas belas poesias. E foi assim que nasceu a **Clepsydra**.⁴

Hoje é difícil de acreditar que se pudessem levar inteiramente a sério essas palavras. No entanto, ao longo dos anos, foram-se esquecendo as várias publicações de poemas de Pessanha em jornais de 1887 a 1908. Pelo começo dos anos dez, o que circulava, de fato, eram cópias nem sempre confiáveis de autógrafos ou de textos publicados. É o que nos confirma este trecho da famosa carta que Fernando Pessoa enviou ao poeta, pedindo poemas para publicar no nº 3 de **Orpheu**:

Há anos que os poemas de V. Ex^a são muito conhecidos, e invariavelmente admirados, por toda Lisboa. É para lamentar -- e todos lamentam -- que eles não estejam, pelo menos em parte, publicados. Se estivessem inteiramente escondidos da publicidade, nas laudas ocultas dos seus cadernos, esta abstinência da

³ **Clepsydra -- Poemas de Camillo Pessanha**. Lisboa, Luzitania, 1920.

⁴ A entrevista foi publicada no **Diário de Lisboa**, na data acima, e reproduzida, um ano depois, num jornal de Macau: **O Liberal**, nº 34, de 30 de abril de 1922. Não temos registro da reação de Pessanha a tais afirmativas, e não há qualquer correspondência conhecida entre o poeta e Ana de Castro Osório datada de depois da publicação das entrevistas. O texto dos jornais encontra-se reproduzido no volume **Homenagem...**, cit., pp. 82-3.

publicidade seria, da parte de V. Ex^a, lamentável mas explicável. O que se dá, porém, não se explica; visto que, sendo de todos mais ou menos conhecidos esses poemas, eles não se encontram acessíveis a um público maior e mais permanente na forma normal da letra redonda. [...] é porque muito admiro esses poemas, e porque muito lamento o seu carácter de inéditos (quando, aliás, correm, estropiados, de boca em boca nos cafés), que ousou endereçar a V. Ex^a esta carta, com o pedido que contém.⁵

É contra o pano de fundo descrito nessa carta que Ana de Castro Osório projeta a figura do seu poeta idiossincrático, que não recorre jamais à escrita -- nem para a elaboração dos versos, que compõe e guarda na memória; nem para transmiti-los a outrem, pois ele os *dizia* a pessoas de intimidade e os teria *ditado* à organizadora do seu único livro de versos. Das palavras de Ana de Castro Osório também se poderia concluir que Pessanha era, até a publicação do livro em 1920, um poeta praticamente inédito. Mais: que tinha com a sua poesia uma relação que a confinava na esfera do íntimo, do privado, consistindo a publicação dos seus versos na reprodução, por terceiros, -- e, ao que tudo indica, também de memória -- daquilo que fora primeiramente apenas *dito* pelo poeta numa situação particular. Por fim, parece dever concluir-se das palavras de Ana de Castro Osório que a **Clepsydra**, enquanto livro -- portanto, enquanto projeto de publicação --, nasceu durante o trabalho de recolha dos *ditados* de Pessanha, ou mesmo depois, por iniciativa da editora.

A entrevista não parece ter sido a fonte primária de difusão dessa idiossincrasia de Pessanha. Parece, sim, um momento de uma história que deve ter sido iniciada em declarações a amigos ou nas cartas que acompanharam os primeiros exemplares da **Clepsydra** enviados a jornalistas em Portugal e no Brasil. É o que depreendemos do fato de, já no final de 1920, jornais dos dois países noticiarem, nos mesmos termos da entrevista de 1921, a recolha da **Clepsydra**. Em Portugal num texto assinado por Sebastião Alves Morgado (**República**, 1-11-1920), lemos que Pessanha anda de cabaia pelas ruas da China, fuma ópio, "fixa mentalmente os seus poemas" e "não possui o mais breve pedaço de papel escrito." Por fim, aprendemos que "foi João de Castro Osório, poeta de talento, que recolheu pela escrita, os versos que compõem a **Clepsydra** e que Pessanha recitava mentalmente". Já o **Diário Popular**, de São Paulo, noticia no mês seguinte o lançamento do livro de Peçanha [sic], poeta da "Índia Portuguesa", esclarecendo que esse autor "faz mentalmente as suas poesias, recita-as; não costuma escrevê-las" e que "as que formam o volume 'Clepsydra' foram recolhidas pelo

⁵ In: Fernando Pessoa. **Páginas de Estética, Teoria e Crítica Literária**. Lisboa, Ática, s/d, pp. 357-361.

seu amigo e companheiro de literatura João de Castro Osório, por considerar os seus versos primorosos, e que se não podiam perder na indiferença do autor".⁶

No entanto, entre o começo dos anos dez e as datas desses textos e da entrevista, muita coisa mudara, no que diz respeito à divulgação da obra de Pessanha. Em 1915/16, o poeta estivera em Lisboa e não só distribuía, ao que tudo indica, vários autógrafos, mas também transcrevera de próprio punho pelo menos dezoito poemas em casa de Ana de Castro Osório, para comporem o livro.⁷ Já no final de 1916, o único número da revista **Centauro** trazia um conjunto de dezesseis poemas de Pessanha.

Na metade dos anos 10, portanto, Camilo Pessanha não era exatamente um poeta desconhecido dos meios literários mais ativos. Pelo contrário, pode-se aferir o seu prestígio pelo fato de as duas revistas de vanguarda terem reservado lugar para os seus versos. Também se pode perceber que havia, na época da publicação da **Centauro**, dois centros de onde se irradiava a difusão da poesia de Pessanha: Ana de Castro Osório e Carlos Amaro. Luís de Montalvor, editor da **Centauro**, tinha acesso aos documentos em poder de Ana de Castro Osório; Fernando Pessoa conhecia e copiava, para seu uso ou eventual publicação, os autógrafos pertencentes a Carlos Amaro, cujas variantes em relação ao texto da **Centauro** anotou muito objetivamente.⁸ Como Montalvor e Pessoa, outros intelectuais de sua geração sabiam da existência do *corpus* de poemas no arquivo de Carlos Amaro, e é bem possível que houvesse mais pessoas interessadas na publicação dos poemas tão em voga nos meios boêmios lisboetas. O próprio Carlos Amaro parece também ter pretendido editar ele mesmo os versos de que dispunha.⁹

É nesse contexto que se deve avaliar a nota que precede e apresenta os poemas de Pessanha, na **Centauro**: "os poemas que publicamos do extraordinário poeta que é Camillo Pessanha, foram amavelmente cedidos pela distinta escriptora, Exm^a Sr^a D. Ana de Castro Osorio, e fazem parte do livro inedito que o Poeta confiou a

⁶ **Diário Popular**. São Paulo. 15 de dezembro de 1920. Chamar João de Castro Osório de "companheiro de literatura" de Pessanha chega a ser engraçado, pela desproporção não só de idade, mas principalmente de nível literário. O próprio Castro Osório, entretanto, assim se qualifica, no insofável texto que escreveu quando da morte de Pessanha e que se encontra reproduzido por Danilo Barreiros, em **O testamento de Camilo Pessanha** (Lisboa, s/e, 1961), pp. 26-29.

⁷ Um levantamento completo dos autógrafos conhecidos e das reproduções existentes encontra-se em minha tese de doutorado: "A **Clepsydra** de Camilo Pessanha -- Uma proposta de estabelecimento de texto". São Paulo, Universidade de São Paulo, 1992.

⁸ Há no espólio de Pessoa anotação de variantes dos poemas "Rufando apressado," e "Violoncelo", e cópia integral de alguns outros. O material me foi fornecido, quando da elaboração da edição crítica da poesia de Pessanha, por Daniel Pires, a quem mais uma vez agradeço a generosidade.

⁹ A hipótese provém de um eco que dessa intenção nos chegou, através de um texto de Armando Boaventura, publicado em **O século Ilustrado**, de 2/8/1952: "os velhos [...] apontavam no [Pessanha] como um raro, estranho poeta, não obstante a sua obra ser tão exigua que mal coube numa 'plaque' que Carlos Amaro prefaciou e ajudou a editar." Como não há rastro da 'plaque' em qualquer biblioteca e nem a filha de Carlos Amaro tenha de sua existência qualquer notícia, parece poder concluir-se que Boaventura tomou por realizado o que lhe teria sido comunicado enquanto projeto.

guarda carinhosa dessa ilustre senhora [...] É por tanto esta a única e fiel origem dos ineditos do Poeta."¹⁰

Sabemos hoje que esse texto falseia a verdade, torce-a de modo a atribuir a Ana de Castro Osório uma espécie de exclusividade sobre a obra inédita de Pessanha. É fácil demonstrar, pela comparação entre o texto da *Centauro* e o texto da *Clepsydra* de 1920, que pelo menos dois dos poemas publicados na revista seguiram o texto de outros autógrafos, que não os utilizados depois na edição do livro.¹¹ Face à evidência, João de Castro Osório expressamente reconhece, em 1969, que Luís de Montalvor usara, para o texto do soneto "Floriram por engano...", outro manuscrito. Do mesmo ano data o acrescentamento que fez à sua *Nota explicativa da Segunda Edição*, em que admite finalmente que o editor da *Centauro* "possuía ou tinha visto [...] de três desses poemas outros manuscritos com variantes (só importantes no Soneto 'Fonógrafo') que resolvemos de acordo manter na sua publicação".¹² Na época da edição da *Centauro*, porém, apenas Carlos Amaro e alguns íntimos deviam perceber o que havia de inverídico na pomposa declaração com que Montalvor tomava partido na disputa, que devia já existir, quanto à lição a seguir em alguns textos de Camilo Pessanha.

A publicação de poemas na *Centauro* foi de enorme importância para a divulgação da poesia de Pessanha, que graças a ela deixou de ser um poeta conhecido apenas por alguns iniciados e começou a circular num ambiente muito mais amplo e internacional. Como justamente observou Pedro da Silveira, a *Centauro* representou "o ponto de partida para o reconhecimento de Pessanha como um grande poeta." "Um dos sinais desse reconhecimento -- continua o mesmo crítico -- está patente na antologia *Os Cem Sonetos*, de poetas portugueses e brasileiros, feita por Mayer Garção nas colunas do diário *A Manhã* (1919?) e depois apresentada em livro (1ª ed., começos de 1920, 2ª, 1921). Pessanha é representado por nada menos de cinco sonetos, todos transcritos da revista de Luís de Montalvor."¹³

A edição da *Clepsydra* ocorreu, portanto, num momento em que a poesia de Pessanha já começava a impor-se à consideração da crítica, apesar de seu relativo ineditismo. Essa constatação nos ajuda a entender melhor o sentido que teve o texto da entrevista, com que abrimos estas considerações. A difusão da lenda de um poeta sem escrita -- que teria apenas ditado, em circunstâncias íntimas, uns tantos poemas a alguns eleitos -- parece ter tido um objetivo muito concreto, ter sido um lance estratégico de

¹⁰ *Centauro* -- Revista trimestral de literatura, vol 1. Lisboa, Typographia do Annuario Commercial, 1916, p. 14.

¹¹ Os poemas são o soneto que começa "Floriram por engano..." e o que tem por título *O Phonographo*. O primeiro vinha, na *Centauro*, isolado e com leitura diferente da que tem no conjunto de autógrafos de que dispunha Ana de Castro Osório, onde o soneto estava ligado sequencialmente a um outro, formando um díptico.

¹² As referências são: *Clepsydra e outros poemas*, Lisboa, Ática, 1969: p. 493 e p. 31, respectivamente.

¹³ Pedro da Silveira. "Breve divagação em torno da obra de Camilo Pessanha". In: *Vértice*, nº 307, vol. XXIX, Coimbra, Abril de 1969, p. 281.

sentido bastante claro, qual seja o de desautorizar documentos que se sabia existir de posse de amigos de Pessanha. Que a estratégia tenha surtido algum resultado, prova-o o desaparecimento de cerca de uma dúzia de autógrafos enviados pelo poeta Carlos Amaro -- que, ao que tudo indica, acabou por cedê-los a João de Castro Osório.¹⁴ A legenda do poeta sem escrita só se viu desautorizada por completo quando da primeira reprodução de um conjunto significativo de autógrafos, em 1984, na revista **Persona**. No número seguinte, de 1985, que trazia ainda um bom conjunto de manuscritos dispersos, Alfredo Margarido escrevia: "Quero ainda observar que à força de repetir sempre a mesma toada da 'memorização' dos poemas por Camilo Pessanha, se perdeu de vista a maneira como o poeta trabalhava de facto. E documentos que podiam ter-nos elucidado perderam-se, tão convencidos estavam, todos, que não havia manuscritos da poesia de Pessanha."¹⁵ Ora, sabemos que Montalvor, Pessoa, Carlos Amaro e os próprios Osório tinham consultado autógrafos de Pessanha. Carlos Amaro, em artigo publicado na **Ilustração** (16/3/1926, quando da morte do poeta) faz referência inclusive à existência de vários poemas inacabados (o que pressupõe, evidentemente, registro escrito) e a um imenso manuscrito de traduções e ensaios sobre a China, que o poeta teria trazido a Lisboa em 1915 e de que até hoje não se sabe o paradeiro. Quero dizer, nos meios que poderiam ter contado para a sobrevivência do material manuscrito, não foi a ignorância do processo criativo de Pessanha que permitiu o extravio de tantos autógrafos. Portanto, é preciso reformular, em outra direção explicativa, o raciocínio de Margarido, que atribui diretamente a Castro Osório parte da responsabilidade na dispersão e desaparecimento de autógrafos em poder de outras pessoas contemporâneas do poeta.

A ação de Castro Osório parece ter sido mesmo, em certo sentido, nefasta para a conservação dos autógrafos de Pessanha. Mas não porque se aceitasse a fábula da inexistência de escritos -- evidentemente insustentável frente àquelas pessoas que os possuíam -- e sim porque não se pôde enfrentar convenientemente a descaracterização sistemática, por João de Castro Osório, do valor de qualquer manuscrito que pudesse surgir de outras fontes. Isso se fez desde o tempo da **Centauro**, e não só martelando a idéia de que Pessanha compunha apenas mentalmente, mas também e principalmente por meio de um posterior argumento *ad hoc*, de muito maior força argumentativa: a reafirmação constante, quando a existência de outras lições autógrafas se tornou inelu-

¹⁴ Vejam-se as várias indicações ao longo das introduções e comentários de J.C. Osório à quarta edição da **Clepsidra** (1969). Por elas se pode imaginar inclusive que peças vieram parar, definitiva ou temporariamente, em mãos de Castro Osório. Juntando essas informações às referências contidas em cartas de Pessoa e de Sá-Carneiro, pode-se ter uma idéia da grande perda que representou o desaparecimento dos autógrafos de poemas camilianos pertencentes a Carlos Amaro, de que restam hoje, em poder de sua filha, não mais do que três peças. Ainda a respeito dos autógrafos de Carlos Amaro, ver a carta de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa, datada de 3 de dezembro de 1912 (in: **Cartas**. Lisboa, Ática) e a carta de Pessoa a Domingos Garcia Pulido, reproduzida por Alfredo Margarido no artigo "Camilo Pessanha, poeta da escrita", (in: **Persona**, nº 10. Porto, Centro de Estudos Pessoaanos, 1984, p. 83).

¹⁵ Cit., p. 82.

dível, da falta de cuidado de Pessanha na transcrição e distribuição de autógrafos, o que invalidava quaisquer variantes, imediatamente identificadas como erros de transcrição ou lapsos de memória.¹⁶

Por que motivo não se ergueram desde logo algumas vozes a denunciar a flagrante incongruência do texto da entrevista de Ana de Castro Osório? Pela mesma razão por que nunca se denunciaram cabalmente os tantos disparates e as muitas contradições que João de Castro Osório foi operando ao longo do tempo em que exerceu a sua herança de editor de Camilo Pessanha. Isto é, pela aceitação gradativa de que os Osório detinham realmente alguma exclusividade enquanto representantes de Camilo Pessanha em Portugal, de que a eles se devia de fato a recuperação, o "salvamento" da obra do poeta. E principalmente porque João de Castro Osório conduziu muito bem sua própria estratégia argumentativa. Além do que já expusemos, resta registrar que, nos últimos tempos, essa estratégia apoiou-se cada vez mais em supostos documentos inéditos em poder da família Osório e em igualmente supostas indicações que Pessanha apusera ao texto dos poemas de 1915-16.

Desde 1920 até 1969, a pesquisa independente revelou muitos textos, em autógrafos e em publicações várias, que não eram conhecidos por Castro Osório. Viu-se este, portanto, face a uma tarefa muito difícil: por um lado, precisava incorporar à *Clepsidra* alguns textos que eram evidentemente de primeiro nível; por outro, as sucessivas alterações significativas no desenho da obra fatalmente gerariam desconfianças quanto ao seu critério; finalmente, havia que defender a lição seguida por ele, fazer frente às muitas variantes que se começavam a afirmar. A argumentação de Castro Osório se baseou, como disse, nos tais documentos inéditos que afirmava possuir. No final da vida, quando parecia estar ficando claro que os referidos documentos inéditos não viriam mesmo a público abonar as suas teses sobre a *Clepsydra*, começou a fazer derivar não mais de documentos, mas de extensas e longas conversas com Pessanha, a sua competência de executor testamentário do poeta. Das conversas nada se pôde nunca saber, mas o que hoje podemos consultar no espólio de Pessanha na Biblioteca Nacional não só não abona as principais teses de Castro Osório, mas ainda as desautoriza por completo.¹⁷

¹⁶ Apenas em certo sentido isso é verdade. Pessanha distribua, de fato, autógrafos sem muito critério. De que é prova o desaparecimento de muitos, confiados a pessoas que não os sabiam conservar. Mas, como já se observou, era costume do poeta anotar, nos autógrafos produzidos a pedidos: "De memória", o que demonstra que para ele sempre existia um outro texto, escrito, de que o autógrafo de momento era uma reprodução tentativa. Na verdade, quase sempre uma reprodução fiel, pois sua memória era prodigiosa, como referem, aliás, alguns contemporâneos. Que os poemas transcritos em casa de Ana de Castro Osório em 1915/16 não tinham um estatuto muito diferente dos demais autógrafos contemporâneos do poeta, demonstra-o o fato de o poeta haver apostado ao conjunto, juntamente com a data e indicação de local, a mesma anotação: "de memória".

¹⁷ A esse respeito, procedi a extenso levantamento na introdução da tese já citada. Lembremos, por agora, apenas o caso mais flagrante, que é o das indicações autógrafas no conjunto de poemas transcritos quando da última visita de Pessanha a Portugal. João de Castro Osório as menciona quando precisa justificar as alterações na ordem dos poemas ao longo das três edições da *Clepsidra* e explicar porque no livro sempre

Muito se deve creditar de fato aos Osório na publicação e conservação da obra de Pessanha, desde os primeiros tempos de Coimbra até edição da **Clepsydra**. Isso, porém, não deve impedir que se lhes apontem as responsabilidades, não só por manipularem influências e informações com o objetivo de manter a exclusividade dos direitos sobre a obra de Pessanha, mas também por contribuírem para difundir uma imagem do poeta que teve conseqüências muito mais amplas do que as de âmbito puramente biográfico: a de que se tratava de um abúlico crônico, por completo despedido de ambições e projetos literários.¹⁸ Por outro lado, a par de seu mérito como mantenedores da memória dos textos do poeta, devemos também debitar-lhes o extravio de umas tantas poesias em "forma definitiva", que Pessanha enviara em 1907 a Alberto Osório de Castro e que já não pareciam existir quando da edição de 1920.¹⁹

Quanto a João de Castro Osório, talvez seja preciso sempre dizer, com todas as letras, que ele não parece credor de todos os méritos que se outorga. Sua participação no "salvamento" (como diz) dos textos de Pessanha, por comvente que possa ser a sua versão, não parece ter sido relevante. O que os documentos do espólio nos mostram, quanto à sua participação, em 1916, é bem modesto: um poema anotado a partir de ditado de Pessanha, corrigido depois pelo poeta.²⁰ De fato, até depois da morte de sua mãe (1935), não há registro de sua participação na primeira edição da **Clepsydra**. Ela assume por completo, como vimos, a edição e organização. Apenas

vieram isolados dois sonetos que na **Centauro** formavam um díptico numerado. Na ocasião, escreveu: "Camilo Pessanha indicou-me nos seus manuscritos, no início de 1916, que estes dois Sonetos deveriam ser juntos. Assim figuraram já na Revista "Centauro" [...], mas com as posições trocadas e numeração indevida [...]". Ora, a consulta aos autógrafos de 1915/16, hoje na Biblioteca Nacional, permite ver que as indicações de Pessanha são claras, que a **Centauro** trouxe a lição correta, e que, no díptico que não veio na **Centauro**, também havia uma indicação numérica desrespeitada por Castro Osório.

¹⁸ Que não era bem assim, comprovam-no tantos documentos dispersos e a existência mesma do **Caderno**. Numa carta a José Benedito Pessanha, pela primeira vez deparamos com uma referência de Pessanha ao seu livro de versos: "O verso não teria nome. Dividi-lo-ia em duas partes. A primeira havia de ser a luta pela realização do prazer, com a certeza de lutar por umas aspiração falsa [...] A outra parte -- exceções, consolações, aniquilamentos parciais do eu, êxtase, espasmos e modorras" (carta de 1888, transcrita em A. Dias Miguel, cit.). Anos depois, nas cartas que escreveu a Alberto Osório de Castro em 1907, é muito evidente que o poeta deseja preservar a própria obra e é sensível a vontade de publicar uns tantos versos que envia ao amigo, quase a pedir-lhe que o faça. Como último exemplo, pode-se citar a anotação que Pessanha após ao manuscrito de uma versão do poema "Ó cores virtuais...", que hoje pertence à filha de Carlos Amaro: "Última página de um livro em tempos delineado".

¹⁹ Pelo menos um texto que integrava o conjunto parece perdido para sempre: o de um poema que começava por "Voa o comboio, correria doida...". Quando da edição da **Clepsydra**, em 1920, os editores não puderam dispor de vários dos poemas enviados por Pessanha, que foram publicados a partir de outros documentos. A esse respeito também há um levantamento, tão exaustivo quanto permitem as informações por agora disponíveis, na minha tese, já referida. A história desse conjunto de poemas está documentada em duas cartas de Pessanha. Cf. M. J. Lancastre (org.) **Cartas de Camilo Pessanha**. Lisboa, Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1984: carta nº 23, pp. 58-9, e carta nº 27, p. 68-9; e em um postal de Alberto Osório de Castro, reproduzido no mesmo volume, pp. 113-4.

²⁰ Trata-se do poema que começa "Foi um dia de inúteis agonias.". Castro Osório anotara, no verso 9: "impercível"; Pessanha corrigiu: "impressível". No verso 6, "dalia", que Pessanha corrigiu para "dahlia".

depois de decorridos dez anos, quando publica a segunda edição, aumentada, da *Clepsydra*, vai João de Castro Osório reivindicar seus direitos de "salvador" da poesia de Pessanha; reivindicação essa que ganha corpo quando da edição de 1969, como base dos argumentos para dar por encerrados os trabalhos de estabelecimento dos textos e fixação da sua ordem dentro do livro. Contrariamente ao que pensava de si próprio, porém, o trabalho de João de Castro Osório com os textos de Pessanha deixa muito a desejar quanto ao rigor e à confiabilidade dos registros de variantes, para só dizer o mínimo e não repisar aqui suas muitas intervenções como co-autor ou corretor de versos do poeta, ou sua capacidade de torcer a verdade e informes, quando não lhe restam mais recursos.²¹

Felizmente, para podermos restabelecer a verdade, no que diz respeito à forma de trabalho de Pessanha, restou-nos, além da documentação depositada na Biblioteca Nacional, um caderno de Camilo Pessanha, hoje no Arquivo Histórico de Macau. Nele o poeta colou vários recortes de publicações de poemas seus, e os corrigiu extensamente. Em muitos casos, ao dar por findo o trabalho de correção, marcou o rascunho com a anotação "Limpa" e recopiou o produto final à mão, em outra página. A reprodução, em 1984, das páginas utilizadas desse caderno veio pôr um ponto final na imagem pouco crível, mas persistente e amplamente divulgada, de Pessanha como um poeta sem escrita.²²

²¹ Quanto ao falseamento de informes, veja-se o caso dos dísticos de sonetos publicados na *Centauro*, já descrito pouco acima. A seguir, apenas para mostrar que não estou sendo excessivamente severo na apreciação do papel editorial de Castro Osório, apresentarei alguns exemplos de problemas nas várias edições da *Clepsydra*. Em primeiro lugar, há o caso de alguns versos que foram transcritos erradamente na primeira edição da *Clepsydra*, e que João de Castro Osório, com os autógrafos à sua frente, nunca tomou a iniciativa de corrigir. São eles: no poema que começa "Desce em folhedos...", o verso número 12 vinha claramente escrito no autógrafo de 1916: 12 Ligeira a saia... Doce brisa, impele-a. Desde a primeira edição, o verso foi erradamente transcrito: 12 Ligeira a saia... Doce brisa impele-a... O mesmo se dá com o último verso do poema que começa "Quando voltei..." No autógrafo vinha indubitavelmente: 14 Com as do novo rasto que começa... E em todas as edições Osório: 14 Como as do novo rasto que começa... Ainda quanto a erros de leitura mantidos desde a primeira edição, há que mencionar o soneto "Quem poluiu...", cujo 4º verso era: 4 Quem foi que os arrancou e lançou ao caminho?, e não "no" caminho, como veio desde a primeira edição. Há também problemas de outro tipo, de que citaremos três categorias: 1) o acrescentamento de títulos que nunca foram escritos por Pessanha: *Caminho*; *No claustro de Celas*; *Olvido*; *Madalena*; *Castelo de Óbidos*; *Na cadeia*; *Roteiro da Vida*; *Água morrente*; 2) a má transcrição de versos por João de Castro Osório, a partir de autógrafos (caso dos vv. 12-18 da segunda parte do seu *Roteiro da Vida*) e a partir de impressos (caso, entre outros, do v. 46 de *Branco e Vermelho*, que era 46 Pálidamente gemem, -- e ficou sendo, na versão Osório: 46 Pavidamente gemem,); 3) a "correção" de versos "defeituosos" de Pessanha, de modo a restaurar o equilíbrio isossilábico (estão neste caso o penúltimo verso do poema "Na cadeia os bandidos..." e os versos 9 e 10 do segundo soneto *San Gabriel*). Esta lista, que já é significativa face ao tamanho da obra édita, não é exaustiva.

²² O caderno de Pessanha foi estampado pela primeira vez na revista *Persona*, nº 10 (julho de 1984), que também trazia outros materiais autógrafos do poeta. Dois anos depois, surgiu em Macau uma outra reprodução, pouco legível: *Caderno Poético de Camilo Pessanha* (Macau, Direcção dos Serviços de Educação e Cultura/Biblioteca Nacional de Macau, 1986). Finalmente, no número 11/12 da *Revista de Macau* (dezembro de 1990), veio uma excelente reprodução fotográfica. A história do caderno é apenas mais um flagrante exemplo de descuido com a memória documental de um dos maiores poetas modernos de Portugal. Embora doado, após a morte de Pessanha, à Biblioteca Pública de Macau, ficou fora do alcance

Embora já se soubesse de sua existência e o próprio João de Castro Osório dele fizesse uma descrição imprecisa na última edição que fez da **Clepsydra**, era tão duradoura a primeira imagem que de Pessanha traçaram alguns articulistas apressados, que persistia em algum nível, ao longo de cinco décadas, o esboço de figura desenhado pela entrevista de Ana de Castro Osório. Que tenha persistido de alguma forma até os últimos anos, vê-se claramente pelo tom do artigo bastante notável que Alfredo Margarido publicou no número 11 da revista **Persona**. Face à evidência do **Caderno**, dado à luz do dia na edição anterior, o crítico acredita estar finalmente destruída "a imagem de Pessanha como ela tem sido divulgada, reforçada pela enorme massa de tolices acrescentadas por João de Castro Osório"; a veemência acusatória contra Castro Osório e a virulência desse texto (perfeitamente justificáveis, diga-se de passagem) são diretamente proporcionais, como reação, à convivência pacífica que a crítica e a historiografia mantiveram, ao longo do tempo e contra as várias provas contrárias dispersas na própria fortuna crítica do poeta, com a imagem que os Osório criaram e difundiram.²³

II. Um homem muito estranho.

Quem quer que passe os olhos pelo conjunto de documentos sobre Pessanha colecionados no volume **Homenagem a Camilo Pessanha** e pela bibliografia sobre a vida do poeta, dispersa em jornais, prefácios e volumes, logo percebe que o autor da **Clepsydra** acaba sendo uma espécie de contrafacção portuguesa de Verlaine, e que os depoimentos sublinham insistentemente os desregramentos de sua vida privada e sua degenerescência física e moral. Quanto a ser o Verlaine português, não há nada a contestar, pois o mesmo efeito de escândalo produziram a aventura rimbaudiana de Verlaine, na Paris cosmopolita de seu tempo, e o concubinato ostensivo de Pessanha com uma ou mais mulheres chinesas na conservadora sociedade colonial portuguesa de Macau. Mas sucede que não é só o mito do poeta maldito que ressuma dessas páginas: coloridos por variável dose de parvoíce, muitos desses retratos nos pintam um Pessanha bastante diminuído e um tanto inverossímil. Que ele pudesse não saber muito chinês, aceitar-se-ia, se o avaliador pudesse dar de si alguma prova de que sabia o que estava a avaliar. O mesmo se pode dizer a propósito da extensão de seus conhecimentos de arte chinesa, da sua perícia como poeta, de sua competência como jurista e advogado. As declarações das pessoas que escreveram testemunhos, oculares ou auditivos, sobre

do público praticamente até 1984, pois extraviou-se duas vezes por vários anos e apenas por acaso parece ter sido recuperado. A esse respeito, vejam-se: Danilo Barreiros. "O 'Caderno' de Camilo Pessanha" (in **Persona** 10, cit., pp. 53-54); e Manuel Coelho da Silva: "Nota Introdutória" ao **Caderno Poético**, cit., pp. 3-5.

²³ Alfredo Margarido. *Camilo Pessanha, poeta da escrita*, cit., p. 76. Ilustrativo exemplo da desinformação e/ou de falta de critério e de rigor na apuração dos dados contra que se bate o texto de Margarido são os artigos que Guilherme de Castilho escreveu sobre Pessanha, a que nos referiremos mais adiante.

a vida pública ou íntima de Camilo Pessanha constituem um estranho buquê de fantasias e disparates -- por obra não só de uma passiva incapacidade dos contemporâneos em absorver as suas extravagâncias, mas também de um ódio muito ativo que lhe sobreviveu.²⁴ Ao longo do tempo, por serem tão poucos, afinal, esses depoimentos, e tão magra a soma de informações verificáveis, a biografia de Pessanha se foi tecendo invariavelmente de modo a ressaltar aquilo que, no poeta, seria estranho, desajustado, torpe, maldito. Como esse desenho de personalidade fizesse *pendant* com o clichê do poeta sem escrita, compondo ambos um retrato pesado de romantismo desorado, é interessante desmontá-lo, exibir a sua incongruência, neste momento em que a sua contraparte já ficou, parece, neutralizada.

Há, na verdade, apenas dois ou três textos a embasar a biografia fantasiosa de Camilo Pessanha. O primeiro se deve a um certo Francisco de Carvalho e Rego, que assinava Francisco Penajóia, e foi escrito na década de 40, tendo por título o nome do poeta.²⁵ Os outros são os trabalhos de Guilherme de Castilho: "Apontamentos dum caderno de viagem -- Camilo Pessanha em Macau" e "Dois elementos para a 'pequena história' de Camilo Pessanha".²⁶ Nestes, por sua vez, baseou-se amplamente a parte biográfica do volume **Camilo Pessanha**, de João Gaspar Simões.²⁷

Começemos portanto pelo trabalho de Penajóia, de que é bom fazer um resumo cerrado, por se tratar de texto que fez fortuna.

Logo no primeiro parágrafo, o autor revela a suposta história das relações de sua família com Pessanha: ela o albergara, "quando o pai, cansado de o aturar como *absintheur* incorrigível, o pôs à margem da mesada, votando-o ao abandono". Essa história, e muitas outras, ouviu Francisco Carvalho e Rego de familiares seus, "que o conheceram [a Pessanha], que o aturaram e que, mais tarde, lhe sofreram a ingratidão". Com base nos depoimentos familiares, Penajóia nos conta que Pessanha se apaixonara perdidamente, em Coimbra, por uma D. Madalena Canavarro, "que nunca olhou para ele senão com a curiosidade que a sua figura já exótica e ridícula despertava". E que

²⁴ Até os dias de hoje, pode-se dizer. De pessoas residentes em Macau ouvi, em 1991, que não são nada simpáticas às autoridades chinesas as ações de homenagem a Pessanha. Isso porque, num texto de introdução a um livro de 1912, teria o poeta sido muito cruel na avaliação do caráter chinês. Do outro lado, o Padre Manuel Teixeira não mede esforços para denegrir a personalidade do poeta maçom, ateu e amoral, no **Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau** (67, 1969, pp. 324-342). É bom exemplo do que vimos afirmando, embora se trate de um texto destituído de importância, animado por um sentimento de caráter exclusiva e muito evidentemente proselitista e provinciano.

²⁵ Publicado em **Renascimento**, vol. 4, nº 4, Macau, 1944. Há reprodução in: **Homenagem...**, cit., pp. 40-44, que é a nossa fonte. Nesse texto de Carvalho e Rego e em depoimentos que o reproduziram basearam-se, em maior ou menor medida, António Dias Miguel e João Gaspar Simões, os principais biógrafos de Pessanha.

²⁶ Publicado, o primeiro, em **O Comércio do Porto**, 13/4/1954 e reproduzido no volume **Homenagem a Camilo Pessanha**, cit.; o segundo apareceu em **O Primeiro de Janeiro** de 15/8/1962.

²⁷ O volume de Simões foi publicado em Lisboa, pela Editora Arcádia, sem indicação de data: é o 16º volume da coleção **A Obra e o Homem**.

certa feita, "no palácio da 'Quinta da Arregaça', de D. João d'Almeida, na festa de batizado de minha irmã Raquel, [...] Camilo, na presença da mais distinta nobreza de sangue e de intelecto, coimbrã, leu o seu aplaudido poema, com os olhos postos na Dama dos seus encantos." Que poema era esse? Responde Penajóia: "Começava assim o poema: 'Oh Madalena, Cabelos doirados!'" Recusado seu amor, Pessanha teria mergulhado de vez no absinto, nunca se recompondo do choque: "muito mais tarde, já em Macau, ouvi-lhe narrar este triste episódio da sua mocidade... sempre com pesar."²⁸

Quanto à atividade poética de Pessanha em Macau, Penajóia nos informa que o autor da *Clepsydra* lhe teria pessoalmente declarado que, "pouco depois de chegado a Macau, perdera a veia poética, não conseguindo reavê-la, por mais esforços que fizesse", e que começara um soneto há mais de vinte anos, sem nunca poder terminá-lo. No que diz respeito aos conhecimentos sínicos do poeta, o quadro não é mais animador: "pouco sabia da língua chinesa, que falava de modo a não poder ser compreendido nem por aqueles que com ele diariamente conviviam". E quanto à vida familiar de Pessanha, é dele também que provém a "informação", depois tão gostosamente divulgada, que o poeta chamava "macaco" (malau, em chinês) ao filho João Manuel, "das peças da sua coleção de coisas chinesas, a que menos estimava".

No tocante à vida pública de Pessanha, essas breves cinco páginas nos ensinam que o poeta era vítima de uma notável incapacidade oratória, sendo suas falas entremeadas de "um vagido gutural" e de satânicas "gargalhadas, que soltava a propósito de tudo e de nada". Sua maledicência era enorme e estava apoiada numa covarde consciência da "impunidade, que o seu físico lhe garantia". Também era medroso, e estava sempre pronto a se desfazer em desculpas, "logo que se visse em risco de ser castigado, como muitas vezes merecia". Era ainda displicente, ostentando um "desprezo absoluto pelo traje", que o levava a receber os amigos completamente nu, e a sair à rua com meias de cores diferentes e a usar por anos a fio um mesmo chapéu, tão imundo como os dedos da mão, queimados de tabaco e de ópio. Era finalmente por completo desprovido de pontualidade e senso de obrigação, nunca atendendo aos compromissos e carregando consigo um relógio que ficava parado por dias a fio. Quando tal homem desapareceu, "quase abandonado, coberto de chagas", "poucos

²⁸ O poema aludido é, sem dúvida, o soneto que começa "Ó Madalena, ó cabelos de rastos", publicado em 1890 numa revista do Porto. João Gaspar Simões, quando transcreve essa frase, assinala, com justeza: "Será de crer? Teria Camilo Pessanha em tão pouca conta os erros e paixões da mocidade que ousasse referir um episódio tão doloroso na presença de tão tacanha sensibilidade?" (op. cit., p. 29). Quanto ao episódio da leitura do poema, escreve: "Não nos anima a acreditar que o soneto, hoje "Ó Madalena, ó cabelos de rastos", não "Ó Madalena, cabelos doirados!", onde não há uma só nota amorosa e em que avultam, pelo contrário, sinais de uma piedade profunda pela Madalena de "cabelos de rastos" [...] (e o soneto não pode deixar de ser o mesmo[...]), nada nos anima a acreditar, repetimos, que esse soneto tivesse sido lido em público pelo poeta, sobretudo diante de uma mulher chamada Madalena, bela, jovem, na força da vida." Mas Simões aceita (p. 26) que a informação "vesga" de Penajóia aponte para um fato: uma tragédia amorosa na vida do poeta, por volta de 1889. O principal biógrafo de Pessanha, Dias Miguel, tampouco atenta na inconfiabilidade do depoimento e reproduz, no seu *Elementos...*: "Segundo informações do Exm^o Sr. Francisco de Carvalho e Rego, data desta época um amor mal correspondido [etc]" (Cf. p. 159, nota 4)

amigos o acompanharam até o fim" e nem a cidade de Macau, nem qualquer pessoa particular chorou a sua perda.²⁹

Creio que esse resumo, que em nada falseia o texto, mostra por si só quão miseravelmente articulado é o discurso de Penajóia, que nem consegue ocultar a baixeza intelectual que o anima. Desinformação gritante, como o demonstra a história do poema, ressentimento, vontade de destruir e diminuir: não há mais nada nesse texto, nem estilo, nem graça, nem verdade. O que é digno de nota e de espanto é que estudiosos de várias gerações tenham dado crédito a tal embuste, aceitando como boas as tantas "informações" que o texto alinhava.³⁰

Basta ler com cuidado a bibliografia hoje disponível, para ver por terra a suposta incapacidade oratória do poeta, reconhecida até mesmo por um outro crítico feroz que, apesar dos protestos em contrário, parecia-lhe votar também entranhada inimizade, Silva Mendes.³¹ Este, de fato, embora capaz de negar qualquer mérito a Pessanha como poeta e como conhecedor da língua e da arte chinesa, vê-se obrigado

²⁹ Porque não voltaremos ao assunto, registremos já aqui que é completamente falso o relato que o articulista nos dá do enterro poeta. Pessanha tinha sido funcionário colonial e professor, e seu enterro foi como o de qualquer autoridade da sociedade macaense. Houve muito público, autoridades e discursos à beira da campa, proferidos pelo reitor do Liceu e por um de seus alunos. Quanto à presença de público, pode-se ler no jornal *O Combate*, de Macau, que o enterro "foi enormemente concorrido por pessoas de todas as condições sociais que à última jazida o acompanharam, sempre descobertos, num significativo e compungido silêncio, vendo-se ali desde o governador da Colônia ao mais humilde e obscuro cidadão. A seu pedido foi transportado num armão militar, o qual coberto pela bandeira nacional, foi conduzido por sargentos, cabos e soldados e ladeado pelos estudantes do Liceu, onde era professor, e por alunos de outras escolas." No dia seguinte ao funeral, o Leal Senado de Macau prestou-lhe homenagem em discurso laudatório proferido pelo Presidente. Na mesma sessão, o Senado deliberou por atribuir o nome do poeta a uma das ruas da cidade. Veja-se, a respeito, o trabalho de Danilo Barreiros, *O testamento de Camilo Pessanha*, de onde recolhemos as informações e o trecho citado.

³⁰ É o caso, exemplar porque se trata do biógrafo a quem devemos os mais notáveis progressos no estabelecimento de datas e fatos na vida de Pessanha, de António Dias Miguel. Penajóia parece ter-lhe fornecido também informações orais, do mesmo teor das escritas, a julgar pelo que vem na página 177 dos seus *Elementos*.... Ali, Dias Miguel expressa um juízo por completo infundado, a propósito dos conhecimentos chineses de Pessanha: "Camilo tinha mau ouvido, articulava relativamente mal [...], a sua disposição natural para a aprendizagem de línguas vivas era simplesmente lamentável.[...] Dizem-nos que os próprios chineses o não entendiam." A nota de rodapé, porém, nos esclarece: "Informação do mesmo Exm^o Senhor Carvalho e Rego, atrás citado."

³¹ Manuel da Silva Mendes (Porto, 1876- Macau, 1931), cuja história tem alguma semelhança com a de Pessanha, foi bacharel por Coimbra, e deslocou-se a Macau como professor do Liceu. Interessou-se pela cultura e arte chinesas, e como Pessanha tornou-se colecionador e freqüentador dos mesmos tintins vasculhados pelo autor da *Clepsydra*. Foi também escritor, articulista de jornal e poeta sem grandes méritos, a darmos crédito à crítica que dele se ocupou. Embora não soubesse chinês, estudou em traduções os textos taoístas, sobre que pronunciou conferências e publicou trabalhos. Para maiores informações, ver: "Silva Mendes e o Tauísmo", de Carlos Miguel Botão Alves, in: *Revista de Cultura de Macau*, Ano V, vol. 5^o, 1991, pp. 151-162.

a reconhecer-lhe a habilidade oratória, sem atribuir à sua elocução qualquer dos traços ridículos imputados por Penajóia.³²

Quanto aos conhecimentos chineses de Pessanha, por mais que se queira desmerecê-los, eram indubitavelmente amplos, pelo menos no que dizia respeito à língua. Danilo Barreiros, que por intermédio das informações de seu sogro, o sinólogo José Vicente Jorge, melhor pôde aquilatá-los, é categórico. Num texto escrito de parceria com Yin Guo Ping, "Camilo Pessanha Sinólogo", escreve: "Do próprio José Vicente Jorge, com quem convivemos desde 1935 até a data da sua morte, em Lisboa, 22 de Novembro de 1948, colhemos informações que nos permitem concluir ter o poeta um profundo conhecimento teórico da língua chinesa na sua estrutura geral e um apreciável manejo da língua falada, na sua modalidade simples e vulgar e que, quanto à língua escrita aprendera um razoável número de caracteres todavia não suficiente para traduzir, sem auxílio, textos eruditos, pelo que recorria à cooperação de peritos competentes."³³ Ora, isso é muito diferente do que dizem Silva Mendes e Penajóia, porém mais condizente com o longo trabalho de estudos sobre a China e de tradução de textos chineses realizado por Pessanha, que, em 1915, compunha sete mil páginas de textos manuscritos, conforme depoimento de Carlos Amaro.³⁴

Também é fácil desmascarar a atribuição a Pessanha de uma apresentação pessoal sempre desmazelada. Nesse campo, mais fértil e livre, a fantasia campeou à solta: sujo, com piolhos na barba, de cabelo empastado, sem qualquer roupa ao receber pessoas, atirando bolinhas de secreção de nariz nos seus alunos... Não há aqui limites. Basta porém olhar para as fotos que de Pessanha nos restaram para ter um primeiro movimento de dúvida. A começar por aquela maravilha de quadro "fin-de-siecle" que é a foto em que o poeta nos aparece estendido numa cadeira longa, a tomar chá com João Vasco. Elegantíssimo, o poeta apóia uma das mãos langorosamente num cãozinho pequinês e com a outra segura uma folha de papel, sobre que parece meditar: tudo aqui é composto, num rigoroso figurino de época, em pose ostensiva. Há também aquela

³² Eis suas palavras: "nos seus discursos forenses, se bem que lhe faltassem alguns dotes oratórios era completo na análise das questões, que escalpelizava, como um professor em uma sala de anatomia, até lhes deixar a nu todos os músculos, todos os nervos, todas as fibras. E [...] depois de, com argumentos jurídicos, derrubar o adversário, não hesitava em recorrer por último [...] à crueldade [...] -- e isto dito par tais palavras e feito de tais modos, que a sua vítima, para não se tornar mais ridícula, o encarava, não com hostil sobrececho, mas como que contente e agradecida". "Camilo Pessanha", *Idéia Nova*, Macau, 1929, cf. repr. fotog. in: Daniel Pires (org.) *Catálogo da exposição do 70º Aniversário da Publicação da Clepsidra*. Macau, IPOR, 1991. Há transcr. in: *Homenagem...*, cit.

³³ Não sei se o texto foi, finalmente, publicado. Cito segundo datiloscrito original, que me foi gentilmente cedido para leitura e cópia pelo autor português, em julho de 1989.

³⁴ Texto publicado em *Ilustração*, nº 6, 16/3/1926, que citamos segundo a reprodução em *Homenagem...*, p. 75: "Não é esta a hora da crítica serena à sua obra, demais tanta coisa anda dispersa [...], trabalhos sobre a língua, literatura e poesia chinesas -- mais de sete mil páginas vi eu escritas em letra quase microscópica, da última vez que Camilo Pessanha esteve em Lisboa --". A propósito, João de Castro Osório testemunha ter visto um "grande e volumoso Caderno de papel almaço, onde estavam, inéditas e, mais, sem outra cópia, muitas das suas traduções" (*Clepsidra*, edição de 1969, p.127).

fotografia do poeta embarcado, a acompanhar o governador de Macau em uma excursão, em que vai elegante como convinha à situação, conversando animadamente. E outras, mais convencionais, em que nos surge posando simplesmente com o colarinho levantado e o olhar não menos. Delas se pode concluir com segurança que, pelo menos até 1915, sua figura externa estava muito mais próxima do dândi do que do mendigo sujo que alguma tradição tentou fixar.³⁵

Pessanha foi um excêntrico? Parece que sim. Pelo menos em relação ao ambiente cultural de Macau. Mas, no que diz respeito à sua figura pública, é preciso ver que não se podem entender essas excentricidades apenas como facetas várias de uma personalidade inadaptada, incapaz de manter unidade e coerência socialmente aceitáveis. Eram também, muitas e muitas vezes, imagens construídas, representações imbuídas de um notável senso de efeito. Frente a uma personalidade assim, não faz sentido tentar reduzir a multiplicidade a um bloco compacto. Principalmente se essa redução se operar, como foi a resposta de vários contemporâneos, pelo nivelamento dos comportamentos e das aparências pelo seu registro mais simplista e mais baixo: demência, pobreza de caráter, concupiscência, amoralidade, complexos psicológicos do filho ilegítimo, explosões e prostrações do narcisista vesgo, desiludido do amor.

Um bom exemplo da excentricidade do poeta é a famosa fotografia tirada na Chácara do Leitão, em 1921, que deve ser olhada menos ingenuamente do que até agora tem sido: não se trata de um instantâneo, feito de surpresa por algum passante, a capturar uma cena do poeta na sua intimidade. Sentado nos degraus da escada contra o horizonte em precipício, sem chapéu, em camisa, calçando sandálias e ladeado pelos dois cães pequeninos, Pessanha está mais uma vez em evidente pose. Trata-se de quadro composto com não menos cuidado do que a cena da varanda, com João Vasco, e seu olhar brilha de quase incontida ironia e vontade de se rir. Para registrar esse momento, julgou valer a pena trazer até o local um fotógrafo e, depois, distribuir a fotografia,

³⁵ No que diz respeito a este ponto, tive a felicidade de poder entrevistar, em 1989, a única aluna ainda viva de Camilo Pessanha: D. Henriqueta Pacheco Jorge Barreiros, filha de José Vicente Jorge e esposa do Dr. Danilo Barreiros. Categoricamente, naquela ocasião, negou-me ela, que se sentava sempre na primeira fila, junto à mesa do poeta, que procedesse qualquer dessas fábulas: piolhos, sujeira de trajes, etc. Pelo contrário, garantiu-me, o poeta sempre comparecia às aulas e à casa de seu pai elegantemente trajado, perfumado e demonstrava muito cuidado com a aparência da barba e dos cabelos. Quanto à competência de Pessanha como professor, o que me disse estava já registrado por Danilo Barreiros, no texto "Camilo Pessanha professor", publicado na revista *Persona*, nº 11, que também traz reprodução de anotações do poeta para suas aulas. Quem quer que tenha visto os papéis de aulas do poeta, depositados na Biblioteca Nacional, em Lisboa, pode ajuizar por si só a falsidade de outra lenda: a de que o professor em questão era desorganizado e nunca passava, nos cursos de história, do período dos egípcios -- fábula essa inventada ou disseminada por Guilherme de Castilho, no já mencionado trabalho de 1953. Não sei porque, mas é uma bobagem excepcionalmente pertinaz, que não só perdeu contra todas as evidências -- quais sejam a sua ausência nos textos rancorosos de Silva Mendes e Francisco Carvalho e Rego e seu desmentido no já mencionado artigo de Danilo Barreiros, escrito com base em depoimentos colhidos diretamente de alunos de Pessanha --, mas ainda acabou por inserir-se num pequeno texto escrito pelo neto de D. Henriqueta, que ali lhe atribui essa mesma frase, a propósito do mestre e das aulas: "nunca passámos dos Egípcios"... (Cf. André Barreiros. "Professor Pessanha: na memória da minha avó: '...tinha eu 16 anos...". In: *Homenagem...*, cit., pp. 94-5.)

emoldurada, com dedicatória, data e assinatura. Não se pode ser tão simplório, a ponto de deduzir daqui o traje indefectível do poeta no final da vida, como fizeram alguns "biógrafos". Principalmente porque essa foto deve ser vista como o contraponto de outra, posterior de três anos, em que o poeta reaparece impecável e elegantíssimo, sem nada que faça suspeitar a cena da Chácara, nem a alquebrada figura que, em 1920, parecia à beira de um desmaio frente ao busto de Camões.³⁶ Isso é que precisa ser compreendido, sob pena de, como o fizeram alguns dos contemporâneos de Macau, amesquinhar o seu vulto: Pessanha era um *poseur*, um dândi. E é muito sensível o gosto que tem pela representação e manipulação da própria imagem, nas tantas fotos que dele restaram. Gosto esse também registrado em depoimentos de pessoas que o conheceram na intimidade, como Alberto Osório de Castro e Carlos Amaro: "quantas vezes o fomos surpreender à mesas do Royal e do Londres, seus cafés preferidos, estrangeiro entre a estrangeira fauna que ali poisava -- gente dos barcos, fumadores de cachimbo, bebedores de *whisky* e de cerveja --, isolado e desconhecido, a cabeça caída para trás, como que decepada, na boca um sorriso, só igual ao sorriso que costumam ter os mortos. Estava Camilo fazendo a sua *toilette* de cadáver, gozando sozinho e para si mesmo a imensa e terrível volúpia de *não* existir, dando-se a ilusão dum além-túmulo que o libertasse de todo o sofrimento!"³⁷

É no mesmo registro que se deve entender o cenário em que recebeu Alberto Osório de Castro em Macau, em 1912. Como se sabe, o irmão de Ana de Castro Osório descreve, no texto em que dá conta dessa visita, um ambiente algo opulento, carregado de luxo de ocasião e muita tinta exótica.³⁸ É claro que se deve, como nos alerta João Gaspar Simões, descontar o tributo ao estilo da época, que em Alberto Osório é sempre pesado.³⁹ Parte do clima de convencional decadentismo que envolve a figura de Pessanha deve ser desconsiderada, sem dúvida. Mas não creio que se possa, como quer Simões, desprezar todo o cenário aí pintado, creditando-o apenas à fantasia do visitante; nem que devamos assumir tranquilamente que em 1912 Pessanha fosse já e apenas o homem doente e astênico que nos surge de outro retrato escrito, nos anos 20, de autoria de Sebastião Costa.⁴⁰ Da consideração das cartas e das fotos que dele temos, pode-se concluir que Pessanha alternava períodos de grande atividade e energia,

³⁶ Quase todas as fotos mencionadas podem ser contempladas graças ao trabalho de Daniel Pires, que as reuniu numa coleção de 10 postais, distribuídos durante a exposição do 70º aniversário da *Clepsydra*, em edição do IPOR, Macau, 1990. A foto de 1924 se encontra reproduzida no livro de João Gaspar Simões, cit., p.191, e na *Revista de Cultura de Macau*, Ano V, nº 15, 1991, p. 6. Uma outra fotografia, muito semelhante à mais conhecida da Chácara do Leitão, encontra-se no *Jornal de Letras*, de 7.8.1990, p. 8.

³⁷ Carlos Amaro, artigo de 1926, já citado. Apud: *Homenagem...*, cit., p. 75-6.

³⁸ Há transcrição em *Homenagem...*, cit., pp. 45-53.

³⁹ Cf. João Gaspar Simões. *Op. cit.* p. 100 e ss.

⁴⁰ Embora reconhecendo que se trata de épocas diferentes -- 10 anos separam um texto de outro --, e inclusive, de casas diferentes, Simões opõe diretamente o texto de Osório de Castro ao de Sebastião da Costa.

com outros de fraqueza, passividade e prostração. Não creio que devamos tomar, por mais legítimo e definidor da personalidade do poeta, apenas um desses momentos. Como não creio que sejam contraditórias e exclusivas as poses das fotos em trajes de andarilho e de gala.⁴¹

A inclinação a rebaixar o homem, porém, ainda que seja para assim melhor afirmar a elevação da obra, é constante na crítica biográfica de Pessanha, mesmo na bem intencionada.⁴² Disso são bons exemplos os trabalhos de Guilherme de Castilho, que já referimos. Ambos acabam por ser apenas recolhas acríticas de parvoíces mal investigadas, mas como têm passado por história, é preciso comentá-los um pouco mais detidamente.

O primeiro, que se intitula "Apontamentos dum caderno de viagem -- Camilo Pessanha em Macau", foi escrito 1953, quando o autor fez uma viagem a Macau, em busca de memórias do poeta. Não encontrando, vinte e sete anos após a morte de Pessanha, muitos testemunhos de viva voz, ajuntou o que pôde encontrar, acolhendo de boa vontade, e sem critério, não só as elocubrações "vesgas" (foi como lhes chamou Simões) de Carvalho Rego, mas ainda algumas outras, de fonte incerta, como, por exemplo, esta versão, aumentada, de um episódio famoso na vida cultural da colônia: "A sua distração, o seu alheamento, a sua falta de senso prático são nota unânime dos a quem interrogo. Um dia, ao vestir-se para uma festa, enfiou o colete antes da camisa. Quando ia para vestir aquele não o encontrou. Grande borborinho porque o poeta tinha lá guardadas, num bolso, 'umas libras'. Meteu prisão de criados e não sei que mais. Só de volta, ao despir-se, é que o mistério se esclareceu..."

Trata-se aqui do último avatar de um acontecimento que se teria dado quando da passagem por Macau do escritor espanhol Vicente Blasco Ibañez. A festa era o banquete em sua homenagem e a fonte um certo S.F, que escreveu, em 1945, a primeira versão da anedota: quando o governador ofereceu a Ibañez o tal banquete, convidou Pessanha, "o único intelectual português que vivia naquelas longínquas

⁴¹ Quanto às fotografias, é preciso, primeiro, levar em conta que mesmo tendo sido perdidas inúmeras, dispomos ainda de um número considerável, em que o poeta nos aparece com os mais diferentes trajes e posturas. E já que estamos tratando do assunto, não custa registrar também que parece por completo infundada a idéia corrente de que o poeta em apenas "raras fotografias aparece de frente, pois aparece como regra de perfil para que se não veja o defeito de um dos olhos" (a cit. é da legenda de um fotografia publicada na revista *Persona*, 10, mas a idéia é corrente). Além de o perfil ser um recurso comum em fotografias posadas, há várias fotos do poeta em que se lhe vêem os dois olhos. São pormenores, eu sei, mas que se vão somando até formar o conjunto significativo que se trata, aqui, de desmontar.

⁴² A propósito, Alfredo Margarido escreve, muito lucidamente, na p. 82 do seu texto já citado: "os documentos de que dispomos agora graças à *Persona*, reforçados pelos comentários de Danilo Barreiros, mas sobretudo de Arnaldo Saraiva, permitem começar a ver um Camilo Pessanha assás diferente da legenda miserabilista portuguesa que sempre encarregou os críticos bem vestidos de comentar, negativamente, o desalinho da roupa dos malvestidos. Já Camões tinha passado por isso, como Gomes Leal, como Camilo Pessanha, e agora como Fernando Pessoa. Tão certo é para esses críticos que a poesia para existir deve comprazer-se no estrume dos maus comportamentos: é por isso que a vida de Pessanha aparece sempre como 'desordenada'."

paragens". Este, atrasadíssimo, pois não achava o colete, teria sido socorrido pelo ajudante do governador, a quem ocorrera a possibilidade de o poeta o ter vestido por baixo da camisa. Supõe-se, do texto, que o poeta foi ao banquete, embora não haja registro do encontro no relato de Blasco Ibañez.⁴³ O episódio serve de exemplo de como as histórias foram passando de boca em boca, a partir de uma ninharia, até chegar ao desenvolvimento completo, com o detalhe da prisão dos criados e das libras metidas no bolso. Voltando à história, é problemático até mesmo que tenha havido o convite para tal banquete. Outro "informante", aluno do poeta na época da visita de Ibañez, José de Carvalho e Rego -- pelo nome, parente do Penajóia --, situa de outra forma o encontro dos dois escritores: o próprio governador levava Ibañez à casa do poeta português, que os teria recebido, aos dois, vestindo apenas uma "camisola decotada e sem mangas". Para este Carvalho e Rego, ainda, Blasco Ibañez teria vindo a Macau não só para ver cidade, mas também porque muito queria conhecer pessoalmente o poeta, com quem se teria demorado em agradável e encantadora conversação.⁴⁴ Ora, Ibañez esteve em Macau cerca de doze horas, se tanto, e sabemos que visitou as ruínas de São Paulo, o castelo, a Gruta de Camões, o centro comercial e, no começo da noite, uma casa de jogo. Depois, enquanto as senhoras foram preparar-se para o banquete, não se furtou à experiência de visitar um típico prostíbulo chinês. Do banquete partiu diretamente para Hong-Kong, a bordo de um rebocador designado para levá-lo de volta. Pouco tempo teria para demorar-se em conversas com Pessanha. E se o tivesse feito, por certo o referiria, já que nomeia qualquer pessoa minimamente interessante que cruzou seu caminho: um Mr. Stephan, diretor de banco, e sua senhora, companheiros de viagem; um espanhol chamado Caballero, que lhe fala de piratas; o capitão do navio; o governador de Macau, Rodrigo Rodrigues; e mesmo "Sebastián Da Costa, notable escritor português", ajudante do governador, que o guia pela cidade.⁴⁵ Porque não nomearia Pessanha, se tivesse ido à sua casa e se o tivesse recebido o poeta daquela forma insólita? Ou se com ele tivesse partilhado o banquete de despedida, porque não o diria? O que é mais certo é que Pessanha não tenha sido convidado, ou que, se o tivesse, não aceitasse, já que se tratava de um banquete bastante íntimo, em que, além dos visitantes, Ibañez nomeia apenas a família do governador e de seus ajudantes diretos.⁴⁶

⁴³ In. *Acção*, nº 204, 15 de março de 1945. Apud *Homenagem...*, pp. 71-73.

⁴⁴ Apud *Homenagem*, cit., p. 29-30. A história da visita do próprio governador e da recepção que lhe teria feito Pessanha é, de tão exagerada, descabida. Esse José de Carvalho e Rego, ao que tudo indica, é a fonte de onde vai brotar outra lenda, desta vez pérfida, sobre a história familiar de Camilo Pessanha, como se verá mais adiante.

⁴⁵ Trata-se do mesmo Sebastião da Costa que escreveu, em 1926, o relato de suas visitas a Pessanha. Se por um lado isso poderia reforçar a suposição de ter havido um encontro entre Ibañez e Pessanha, por outro lado enfraquece a história de José de Carvalho e Rego, pois, como parece natural, foi Sebastião Costa, ajudante do governador, e não o próprio, quem se incumbiu de ciceronear Ibañez em Macau.

⁴⁶ Ver, a respeito: Vicente Blasco Ibañez. *La vuelta al mundo de un novelista* - II. (Valencia, Prometeo, 1924), capítulo XIII, "Viaje á Macao", pp. 176-196.

Não há porque acreditar em textos tão frouxos que, embora se pretendam "testemunhos", são, na verdade, apenas a recolha por escrito das "histórias sem conta" (e sem muito lastro, pode-se acrescentar) que corriam a propósito do poeta no estreito ambiente macaense do começo do século.⁴⁷ Nem haveria porque atribuir importância às efabulações relativamente livres, com que se tentou suprir a falta de documentação sobre um homem que acabou por revelar-se grande poeta e digno de atenção, se essas fantasias não acabassem por informar, de alguma maneira, a apreciação da obra poética do retratado. O caso de Castilho é, ainda aqui, exemplar. Tudo o que fez foi alinhar, do modo que vimos vendo, as "informações" que amealhou em Macau, acrescentando, de seu, apenas que "o asseio do corpo e da roupa que usava parece que não lhe dava grandes preocupações; em contrapartida costumava encharcar-se de essências raras, cujo aroma se sentia à distância." Mas depois de composto o retrato deformado do homem, passa subitamente do nível biográfico ao universo da poesia publicada do autor, escrevendo: "Depois de ler bem a 'Clépsidra' que outro Camilo Pessanha se poderia esperar? Só com um Pessanha assim é que a sua poesia 'joga certo...'"⁴⁸ E mesmo um crítico mais cuidadoso acaba por se revelar prisioneiro da falácia biográfica, quando escreve, na conclusão de sua apreciação da obra, após ter descrito, na secção anterior, o homem: "Camilo Pessanha esquecia-se inclusivamente de que o verso era feito de palavras e de imagens."⁴⁹

Do segundo texto de Castilho, publicado em 1962, pouco há a dizer. Novamente, reproduz depoimentos de terceiros que não investiga. No caso, pretende explicar a origem de uma folha impressa com o poema "Rosas de Inverno". Sabemos que esses versos foram feitos por Pessanha para serem lidos por uma criança numa festa de caridade, perto do Natal de 1901. Deles se fez uma publicação num jornal de Hong-Kong e uma impressão em folha volante, provavelmente para distribuição ou venda na festa. A propósito, escreve Castilho:

Camilo Pessanha -- contou-me a pessoa que mo deu e que foi da sua intimidade em Macau -- raramente escrevia os seus versos: compunha-os mentalmente, retinha-os de memória e de vez em quando recitava um ou outro aos seus amigos mais atentos à

⁴⁷ A citação é do mesmo S.F.: "A respeito do seu incurável alheamento, da sua permanente distração, correm histórias sem conta".

⁴⁸ Cf. *Homenagem...*, pp. 110-114.

⁴⁹ João Gaspar Simões, *cit.*, p. 175. A respeito dessa frase, que é um pouco menos má no contexto, embora revele realmente um pressuposto biografista, escreveu Teresa Coelho Lopes, em *Clepsidra de Camilo Pessanha* (Lisboa, Seara Nova, 1979, pp. 30-31.): "é uma das coisas mais absurdas que se podem dizer acerca deste poeta (e, afinal, de qualquer poeta). Igualmente, a observação seguinte: 'Logicamente, os seus versos quase nada dizem, embora estejam cheios de segredos, de mistérios, de coisas fugitivas e inapreensíveis'. Tais comentários derivam de erros de origem diversa. Primeiro, a concepção 'romântica' (em sentido pejorativo) de que o verdadeiro poeta é aquele que faz poesia *malgré lui* (...). Segundo, a ideia de que a poesia deve, apesar dessa sua 'geração espontânea', filiar-se no real (...)."

compreensão das Musas, sempre com júbilo, sempre em êxtase perante o seu próprio talento [...] Esta auto-estima, esta auto-admiração impunha-lhe, por vezes, ir mais longe: escrevia à pressa o poema no primeiro papel que lhe vinha à mão, ia com ele a uma tipografia conhecida e mandava-o imprimir, avulso, num minúsculo quarto de papel. Tirava dele umas dezenas de exemplares, metia-os no bolso e durante uns dias, em jeito de vate ambulante, ia-os passando aos amigos mais íntimos.

Temos aí, reunidos, o chavão com que abrimos este texto (Pessanha compunha mentalmente e guardava tudo na memória, dizia poemas apenas a amigos íntimos) e a informação nova: o poeta era um exaltado que às vezes, premido pela vontade de brilho, imprimia textos, que não circulavam porém senão entre os mesmos amigos íntimos a quem os dizia... João de Castro Osório -- a quem se podem fazer vários reparos, mas nunca o de ser, a propósito de Pessanha, desinformado -- recortou o artigo e, no pé da página, rabiscou com dureza: "15-Agosto-1962 Anotar a asnicie deste 'crítico'"⁵⁰

Essas fantasias não possuem, por si mesmas, real importância histórica. Não é por conta das projeções da biografia na interpretação da obra *publicada* que enveredamos pelo caminho da identificação do que há de falso ou incerto nos relatos sobre a vida do poeta. A obra publicada é grande o bastante para se impor ao crítico por si só, e prescinde, como sempre acontece, do vulto concreto do seu criador. A biografia de Pessanha tem importância para a história de sua obra porque -- recordemos -- era nas lendas várias que corriam entre os contemporâneos que se apoiava a imagem do poeta inédito, que não escrevia nunca os seus versos, mas os guardava de memória. Tem importância também porque, quando era impossível negar a existência de autógrafos de Pessanha, foi sobre a abulia do poeta, seu descuido e incapacidade de organização que se se ergueu a argumentação de Castro Osório, para desqualificar os documentos autógrafos esparsos. E tem importância, por fim, porque, quando constatado o extravio dos papéis que ainda pertenciam a Pessanha por ocasião da morte, foi sobre a memória de seu filho, João Manuel, que se acabou por descarregar boa parte da culpa pela perda de sua obra inédita (já então, como se sabia, uma obra que se estendia pelos domínios da poesia, tradução e ensaio).

Pouco sabemos da relação de Camilo Pessanha com o filho. Na verdade, nem temos certeza quanto à data de nascimento deste.⁵¹ E quanto à história de que o poeta

⁵⁰ Nos seus comentários à *Clepsidra*, João de Castro Osório analisa com muita propriedade, demonstrando-lhe a incongruência, o trabalho de Castilho publicado no *O Primeiro de Janeiro*. Cf. *Clepsidra*. Lisboa, Ática, 1969, pp. 395-400.

⁵¹ Documentos consultados por António Dias Miguel e Danilo Barreiros registram que o Capitão João Manuel Pessanha nasceu em 1º de dezembro de 1896. Na lápide do túmulo de João Manuel está escrito, entretanto: "Nasceu em 21 de Novembro de 1893". E tanto na certidão de óbito, quanto na de casamento,

o desprezava tanto a ponto de apelidá-lo de "malau", isto é, macaco, sabemos que provém, ao que parece exclusivamente, daquele texto de Francisco de Carvalho e Rego. Como não há uma só afirmação fidedigna naquelas páginas, não vejo razão para supor que apenas esta o seja. Dispomos também da informação de que Pessanha, certa feita, expulsou de casa o filho. Alguns biógrafos pretendem que tal se tenha dado porque João Manuel estaria interessado na meio-irmã, Ngan-leng, que o poeta tomara para si. Temos sobre isso, um nada de informações.

Foi António Dias Miguel, ao que parece, quem estabeleceu o parentesco entre João Manuel e Ngan-leng, que foi depois aceito por outros estudiosos. Não conheço documentos anteriores ou posteriores que abonem a afirmação, e a análise dos textos disponíveis apenas enfraquece a idéia. Por exemplo, vimos com que vontade Francisco de Carvalho e Rego se atira à destruição da imagem de Pessanha. No entanto, ao tratar do episódio da expulsão do filho, diz apenas: "a um ligeiro pretexto, que um dia surgiu, pôs o filho fora de casa". Imagino com que gosto teria feito estampar nas suas páginas os dois escândalos: a coabitação do poeta com a filha adotiva, e a disputa que, por ela, manteve com o filho. Ao que tudo indica, não era ainda corrente nem a filiação de Ngan-leng, nem a história do namoro dos irmãos. Como não o era, esta última, no tempo em que António Dias Miguel escreveu os textos que depois integraram seu livro.

Podem faltar-nos dados mais precisos, mas parece que a primeira vez que vem a público a história do namoro é no livro de Danilo Barreiros, **O Testamento de Camilo Pessanha**. Ali, na página 42, escreve o pesquisador:

Crescendo num ambiente alheio às convenções normais, quase desprezado pelo pai, que o apodava de "Malau" (macaco), teve João Manuel formação deficiente. Camilo Pessanha não sentia por ele grande afecto e nunca se empenhou em orientá-lo na vida. Tratava-o com excessiva severidade e, uma vez, ao surpreendê-lo a namoriscar Ngan Leng, expulsou-o de casa, deixando-o entregue a perigosa vadiagem. Pessoas amigas tentaram interceder pelo rapaz mas foram repelidas [...]

O que é curioso a propósito dessa informação é que ela não procede, como seria de esperar no caso de Danilo Barreiros, de depoimento de seu sogro, José Vicente Jorge, amigo de Pessanha e, por certo, conhecedor de tal episódio, se ele tivesse existido dessa forma. Se não foi de Vicente Jorge, de que fonte colheu Danilo Barreiros a informação? Ora, de uma "pessoa amiga": "Foi uma dessas pessoas o Exm^o Sr. José de Carvalho e Rego, que nos relatou o sucedido." Aí está. Provindo exclusivamente de tal fonte, sem ratificação idônea, não há qualquer motivo para levar a informação a sério.

a data é essa mesmo: 1893. Camilo Pessanha, entretanto, só chegou a Macau em 1894.

A respeito desse assunto, só temos, de confiável, o depoimento muito recente colhido por Daniel Pires. Em 1990, esse pesquisador a quem tanto devemos na reconstituição da história e da obra do poeta da *Clepsydra* entrevistou, finalmente, a neta de Camilo Pessanha, Maria do Espírito Santo Manhão. No que diz respeito ao assunto em pauta, não só nos esclarece que Ngan-Ien não era irmã de João Manuel, mas ainda que a expulsão deste foi motivada por "estroinices" a que fora levado por um irmão (de que temos aqui a primeira notícia) de Ngan-Ien.⁵²

Que importância têm todos esses meandros obscuros de miséria familiar para a história da obra de Pessanha? Como dissemos, foi sobre essas histórias que se ergueu o último capítulo da lenda do poeta maldito: mantendo tais relações com o filho, este não se ocupou em preservar a memória do pai, e teria vendido, numa loja de quinquilharias e a peso de papel velho, preciosos manuscritos inéditos.

Quem quer que consulte o testamento de Camilo Pessanha, vê que o poeta encarregou expressamente três amigos de cuidarem de suas coisas, após a morte: José Vicente Jorge, Mateus António de Lima e José António Filipe de Moraes Palha. A estes cumpria tomar providências em relação ao que era excluído do legado a Ngan-Ieng e a João Manuel, a saber: "os livros e documentos em línguas européias, que existirem à data da minha morte no meu quarto de dormir".⁵³ Por motivos que ainda não são completamente claros, lamentavelmente nenhum deles tomou a peito a tarefa que lhes foi confiada e que redundaria em tão grande benefício para a cultura portuguesa: recolher os documentos em línguas européias existentes no quarto do poeta.⁵⁴

Foi fácil, depois, quando finalmente se percebeu o que teria sido perdido, imaginar que o filho do poeta tivesse tratado de dissipar esses papéis. E assim se fez: Dias Miguel, Gaspar Simões e mesmo Danilo Barreiros parecem unânimes a esse respeito.

A consideração isenta dos dados disponíveis, porém, mostra-nos um quadro muito diferente. Não cabia a João Manuel, que pouco convivera com o pai e que talvez nem tenha recebido uma completa educação ocidental, conservar documentos cuja significação mal poderia perceber. Essa obrigação deixou-a Pessanha por escrito a

⁵² Eis o texto: "O meu avô a princípio gostava muito dele [o pai: João Manuel]; depois havia aquela 'Águia de Prata' [Ngan-Ien], que tinha um irmão que levou o meu pai para todas essas estroinices, para o meu avô embirrar com ele e não lhe deixar nada. Isto foi o meu pai que me contou. Essa 'Águia de Prata' não era irmã do meu pai, não tem nenhuma relação com ele." Pergunta: "Mas algumas pessoas que escreveram sobre o seu avô, dizem que eram irmão por parte de mãe..." Resposta: "Não, não eram, não eram." Pergunta: "Chegou a conhecer a mãe do seu pai?" Resposta: "Não. O meu pai também não a chegou a conhecer, como é que a podia conhecer? Quando ele nasceu, o meu avô correu com ela de casa. Como é que a Águia de Prata podia ser irmã dele? É impossível!" In: Daniel Pires. *Homenagem...*, p. 91.

⁵³ Cf. *O testamento...*, p. 33.

⁵⁴ A propósito desse episódio, escreve Danilo Barreiros: "...no próprio dia do enterro apresentaram-se ambos [Ngan-Ieng e um seu suposto amante europeu] a retirar valores da residência do defunto, facto que levou os indignados testamentários a apresentar escusa das funções em que o poeta, invocando a 'velha amizade', os investira." Apud: *O testamento...*, p. 40.

outras pessoas, em princípio mais capazes de aquilatar o que estava em jogo. No entanto, contra o que dizem ou insinuam certos textos, alguns manuscritos de Pessanha foram conservados por João Manuel, que não os vendeu ou dispersou vingativamente, como se quis fazer crer. A prova menos importante é que, em 1929, quando um jornal de estudantes dispôs-se a prestar uma homenagem a Pessanha, foi João Manuel quem cedeu os manuscritos de dois poemas até então inéditos: "Vida" e "Branco e Vermelho".⁵⁵ A mais importante é que, quando Danilo Barreiros, já depois da morte de João Manuel, em 1941, foi em busca de manuscritos, ainda pôde recobrar quatro peças, entre as quais o rascunho do poema "Vida", cuja cópia a limpo já servira à edição de 1929.⁵⁶ Isto é, não só os manuscritos foram conservados por muito tempo, mas essa conservação incluiu até rascunhos e textos extensivamente rasurados.

Com o levantamento destes problemas, que têm relevância vária e pesos muito diferentes, espero ter deixado claro que a biografia de Pessanha, como vem sendo contada, oferece problemas de uma ponta à outra: com exceção das datas de posse, afastamento e viagens, registradas em documentos oficiais, tudo é controverso, incerto e lacunar. Será preciso um longo trabalho de reconstrução, que talvez ainda leve muitos anos. Mesmo assim, talvez tenhamos um dia de concluir que não dispomos de elementos para retrair com segurança o perfil do homem. O que, diga-se de passagem, não lhe fará mal algum. No momento, urgia retirar os empecilhos ao reconhecimento do real estado dos conhecimentos do assunto, a desconstrução das quimeras que se foram adensando até passar por verdade verificada e assente. Se tivermos tido êxito, essa primeira parte da tarefa já estará, ao menos em parte, encaminhada.

Campinas, abril de 1993.

⁵⁵ Cf. Bernardo Vidigal Camilo Pessanha -- *Poesia e Prosa*. Rio de Janeiro, 1965, p. 35, nota 4: "Esta [Vida] e a poesia 'Branco e Vermelho', adiante transcrita, não estão incluídas na *Clepsidra*. Foram publicadas em Macau, no jornal *Idéia Nova*, de março de 1929. O compilador desta Antologia encontrou-as entre os manuscritos do Poeta, então na posse do seu filho João Manuel."

⁵⁶ Pessanha costumava corrigir os textos num rascunho e, quando chegava a resultado satisfatório, anotava à margem: "Limpa", ou "Definitiva", copiando para outra folha o produto final. (Cf. as reproduções do *Caderno*, já citadas.) Quanto à data da recuperação dos manuscritos por Danilo Barreiros, veja-se o depoimento de Castro Osório: "Após o falecimento [...] de João Manuel [...] quis a Providência salvar, de entre o que, de roldão, 'ia para o lixo', uma folha inteira de papel almasso, branco e sem linhas, contendo os autógrafos de quatro poemas de Camilo Pessanha [...] Não sei se com deliberada busca [...] ou por fortuita passagem no lugar, e o que outros dirão sorte e eu creio providencial, foi o Sr. Leopoldo Danilo Barreiros [...] quem recolheu essa muito valiosa folha [...]". (*Clepsidra*, Lisboa, Ática, 1969, p. 419.) Danilo Barreiros chegou a Macau em março de 1931, sem que nada soubesse de Pessanha, conforme nos declarou. Apenas depois de suas relações com a família de Vicente Jorge pôde ter notícia de ter havido em Macau um poeta que deixara papéis. É verdade que devemos considerar a possibilidade de os papéis terem sido recolhidos ainda durante a vida de João Manuel, mas a confirmar a informação de Castro Osório temos a entrevista com a neta de Pessanha, que refere ter sido da mulher de João Manuel que Danilo Barreiros obteve os papéis em questão. Cf. *Homenagem...*, p. 91.